

*[Artigo publicado no jornal "O Estado de S. Paulo", 17 de abril de 1998]*

## **Prisões que envergonham**

**HUGO NIGRO MAZZILLI**

Todos já se acostumaram a ver, na televisão, cenas de presídios: rebeliões, massacres, entrevistas. Em cubículos promíscuos se amontoam dezenas de presos semivestidos.

Mas, se isso nos parece chocante - embora, com a vulgarização da imagem, corramos o risco de com ela nos acostumarmos -, a situação passa a ser pior quando se visita um presídio. Vistas de perto, as prisões estão sob péssimas condições de higiene e saúde: nelas há transmissão de doenças contagiosas, como a terrível aids; existe superocupação das celas; os presos convivem com violências de todo o tipo, até mesmo sexuais; faltam efetivas opções de laborterapia nas cadeias, onde indevidamente também se cumprem penas; presos administram presídios, andam armados, consomem drogas e comandam o crime organizado de dentro das celas.

E, se isso parece assustador a um estranho, quão dolorido não o será para quem tenha um filho, um irmão ou um pai recolhido num presídio brasileiro.

E mais: se isso parece revoltante a nós, que vemos as cadeias pelo lado de fora, imaginemos o que têm de horripilante para quem está lá dentro, e tudo faz, até o paroxismo do crime, para evitar ser preso ou, estando preso, para conseguir ser solto ou de lá se evadir.

Com certeza, um dia a humanidade vai olhar para trás e repudiar estes tempos de barbárie, em que nos permitimos hoje tratar pessoas de forma tão vil.

Soltá-las, simplesmente, não é a solução, pois essas pessoas fizeram por merecer a segregação social porque delinqüiram gravemente - e, sem dúvida, o fizeram, salvo raras exceções. Mas o mínimo a que teriam direito, até

para justificar os fins da pena, seria receber tratamento de seres humanos. A situação de nossos presídios, iguais aos piores do mundo, faz duvidar da condição humana não só de quem é trancafiado como também dos que são responsáveis por trancafiá-los de forma tão abjeta e degradante.

As autoridades parecem estar num dilema: de um lado, é caro e demorado, e não traz votos, construir presídios - assim, estes são feitos em quantidade muito inferior às necessidades, entre uma crise e outra do sistema. De outro, a superpopulação carcerária sempre aumenta.

O Poder Executivo tem seguido solução barata e irresponsável.

Gradativamente, concede indulto a responsáveis por crimes cada vez mais graves. Inicialmente, só autores de crimes de menor importância recebiam indulto; depois, passaram a recebê-lo autores de crimes progressivamente mais graves. O resultado dessa política é que, no curso dos anos, as cadeias foram ficando superlotadas só de assaltantes e outros autores de crimes graves, porque não é fácil que um criminoso consiga ser condenado a pena superior a seis anos de reclusão, a não ser que se esforce bastante. Hoje, réus primários são invariavelmente apenados a menos de seis anos de prisão se cometerem tentativa de homicídio, lesões corporais, homicídio culposo, estelionato, receptação, apropriação indébita, furto, roubo simples ou qualificado, uso de drogas e centenas de outros crimes.

Hoje, quem fica na cadeia? Os que cumprem penas ainda superiores, como, predominantemente, os autores dos chamados crimes hediondos, os autores de roubos e furtos que já contem com outros envolvimento criminais, os autores de homicídios qualificados.

Chega o ponto em que, em vez de assegurar condições condignas de cumprimento da pena, o despudor dos governantes leva à concessão de imerecidos indultos e outros benefícios a criminosos que tenham recebido penas gradativamente maiores, como já vemos hoje com a concessão de indultos até mesmo a assaltantes.

Agora, não suficientemente alarmado com a situação carcerária dos próprios brasileiros criminosos, o governo federal mais se sensibilizou com a prisão de bandidos de Primeiro Mundo - aqueles que, em plena época de democracia em nosso País, seqüestraram Abílio Diniz. O governo resolveu fazer

acordos com outros países para transferi-los. O injusto disso não é que criminosos cumpram pena em condições de maior dignidade e respeito à pessoa: isso é o mínimo que o Estado brasileiro deveria assegurar a todos os presos, e não, vergonhosamente, só aos criminosos de Primeiro Mundo que aqui tenham vindo fazer turismo de armas na mão.

Mas a notícia que os jornais nos deram contém uma pesada advertência. Como o governo federal sabe que a população se revolta ao ver dois pesos e duas medidas para os criminosos, o porta-voz do presidente da República acaba de ameaçar: os seqüestradores devem parar com a greve de fome, que "não ajuda" na concessão dos benefícios já acertados por seu generoso chefe. É um rugido formidável: os presos têm de parar a greve de fome, exige de maneira formidável o presidente. Talvez devesse acrescentar: e também devem comer tudo direitinho, como crianças bem-comportadas.

A população, que deveria ser mais bem protegida pelo Estado, e vota - e este é um ano de eleições -, tem todo o direito de ficar imaginando por que tudo isso acontece com criminosos estrangeiros, enquanto os criminosos nacionais...

Bem, esses não chamam tanto a atenção.